

Novo e antigo num campo de contradições

Fernando Lopes
De Lucas do Rio Verde (MT)

São poucos, muito poucos, os países que hoje contam com uma produção agropecuária capaz de atender com algum conforto seu próprio consumo doméstico e, de quebra, gerar excedentes exportáveis demandados com avidez por mercados tão diferentes quanto o alemão, já maduro, ou o chinês, estrela maior entre os emergentes.

Um dos países que estão bem preparados é a Argentina, apesar da limitada diversificação e das atuais políticas do governo, que restringem as vendas ao exterior. Os incipientes estão na África, que tem áreas agricultáveis, mas apenas nos últimos anos passou a receber investimentos relevantes, sobretudo estrangeiros, para tentar tirar um atraso milenar e generalizado e garantir seu espaço no lado positivo da balança comercial alimentar, o que ainda deverá demorar décadas.

O Leste Europeu avança a partir de aportes acelerados com a derrocada da Cortina de Ferro, mas a porção ocidental do continente se afunda nos custos de sua insustentável política de subsídios e na ausência de terras disponíveis. A Ásia se debate contra desvantagens naturais e econômicas, e os Estados Unidos, que se consolidaram no século 20 como o grande celeiro do mundo, têm limitações para avançar após a imensa relevância conquistada nesse setor.

E há o Brasil, com seu potencial de produzir quase tudo em grande escala e com eficiência — comprovada nas últimas décadas, louvado a cada surto inflacionário internacional e cobiçado por investidores e empresas de todo o mundo, de produtores argentinos às grandes estatais da China. Um Brasil cujas exportações do agronegócio garantiram gordas reservas em moeda estrangeira, mas com casos de trabalho escravo nas lavouras. Um Brasil que exporta tecnologia agrícola, mas que tem dificuldades em coibir o avanço de pastagens ou plantações sobre as suas florestas.

É um Brasil onde o agronegócio está em meio a um difícil processo de profissionalização e consolidação, de mudança de perfil dos principais atores e do estabelecimento de políticas que buscam, ao mesmo tempo, estimular inovações e coibir velhas práticas sedimentadas em uma agropecuária colonial que se tornou anacrônica.

Na linha do tempo do agronegócio brasileiro, pode-se dizer que o "futuro" começou em meados da década de 1990, com uma megarenegociação de dívidas de produtores que tirou o setor do limbo dos anos 1980 e tornou possível um melhor aproveitamento das oportunidades abertas pela forte desvalorização do real, em 1999. Estava aberto o caminho para o aumento das exportações de itens tradicionais como café e açúcar, para a transformação da soja no carro-chefe da balança setorial e para a diversificação da pauta, com destaque para as carnes, cuja competitividade superou travas tarifárias e sanitárias.

A produção de grãos, que na safra 2000/01 somou 96,8 milhões de toneladas, deverá alcançar 146,3 milhões neste ciclo 2009/10,



Otaviano Pivetta, do Grupo Vanguarda: na ida do Rio Grande do Sul para o Mato Grosso, 200 mil hectares de terras, profissionalização e venda de participação para o UBS Pactual

cujas colheitas já estão avançadas. As estatísticas oficiais também mostram que o Valor Bruto da Produção (VBP) das 20 principais culturas do país, que em 2001 atingiu R\$ 111,3 bilhões, deverá bater em R\$ 157 bilhões este ano. Na mesma comparação, as exportações do setor deverão saltar de US\$ 23,9 bilhões para cerca de US\$ 70 bilhões. A soja puxa a safra de grãos; soja, cana e milho dominam o VBP; e soja, carnes, açúcar e etanol e café dominam as exportações.

Produção de grãos, que em 2000/01 somou 96,8 milhões de toneladas, alcançará 146,3 milhões este ano

O carro-chefe da produção de grãos no país, a soja, começou a avançar no país na década de 1970, dominando o Cerrado cuja própria conquista havia começado pouco antes. Enquanto Brasília ganhava ares de portal da ocupação daquelas paragens, agricultores do Sul do Brasil se deslocaram e fincaram suas bases em Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás em busca de espaço para plantar.

Uma caravana de filhos de agricultores que saiu de Esquina Natalino, distrito do município de Ronda Alta, no norte do Rio Grande do Sul, criou um dos primeiros assentamentos do Movimento de Trabalhadores Sem-Terra (MST) do país, em Mato Grosso, em 1983. Atendendo ao chamado do governo do general João Figueiredo, de 1979 a 1985, o também gaúcho Otaviano Pivetta, natural de Caiçara, ao norte de Ronda Alta, seguiu a trilha. Conhecia o pessoal de Esquina Natalino, foi atrás de um tio e se estabeleceu em Lucas do Rio Verde, no coração de Mato Grosso. Atualmente, Pivetta é um dos maiores produtores de

grãos do Estado, que lidera a colheita de soja no Brasil.

Profissionalizado, eficiente, empresa estabelecida, dívidas e forte influência política em sua região, Pivetta foi prefeito de Lucas por dois mandatos, fez o sucessor e tornou-se deputado estadual. Agora, decidiu que não vai disputar as próximas eleições em outubro. Concentrará esforços para recolocar seu Grupo Vanguarda — que em 2008 vendeu uma participação de 10% para o banco UBS Pactual e hoje tem 200 mil hectares de terras, 40% delas arrendadas — conseguidos em 1999, o ano da desvalorização do real, que tanto colaborou para as cadeias exportadoras do agronegócio brasileiro.

"É muito difícil crescer sem capital de longo prazo. É muito arriscado. É preciso muita determinação e a natureza a nosso favor. Mas aprendi com meu avô que, se eu conseguir encher o armazém, um dia dá para vender com lucro." A profissionalização mesmo só veio em 2007, mas o Vanguarda já esteve muito perto de abrir o capital. Com a crise financeira global, não abriu, mas, mais cedo ou mais tarde, isso vai acontecer.

Em 1983, enquanto Pivetta se estabelecia na então inóspita Lucas do Rio Verde, Decio Zylbersztajn tornava-se Ph.D. em economia pela Universidade Estadual da Carolina do Norte, nos Estados Unidos. No maior celeiro agrícola do mundo, estudou o protecionismo na indústria brasileira de insumos. Na década de 70, já era mestre em economia agrária pela tradicional Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Esalq/USP), para citar apenas duas das muitas escalas acadêmicas que o tornaram um dos maiores especialistas e pensadores do setor no Brasil e no mundo.

Presidente do conselho do Programa dos Estudos dos Negócios

Em expansão

Dados sobre o agronegócio brasileiro

Produção brasileira de grãos

Em milhões de toneladas

2000/01	96,799
2002/03	123,168
2003/04	119,114
2004/05	114,695
2005/06	122,531
2006/07	131,751
2007/08	144,140
2008/09	135,135
2009/10*	146,312

Valor bruto da produção agrícola**

Em R\$ bilhões

2001	111,337
2002	132,506
2003	150,421
2004	149,287
2005	126,525
2006	126,387
2007	143,703
2008	164,671
2009	156,920

Exportações brasileiras

Em US\$ bilhões

2001	23,857
2002	24,840
2003	30,645
2004	39,029
2005	43,617
2006	49,465
2007	58,420
2008	71,806
2009	64,756

Fontes: Ministério da Agricultura e Conab. * Previsão.

** Inclui as 20 principais lavouras do país

do Sistema Agroindustrial (Pensa/USP, que criou em 1990, Zylbersztajn vê o agronegócio brasileiro como um pêndulo com raiz europeia, mas forte influência americana no pós-guerra. "Mas até onde vai o produtivismo e o industrialismo da agricultura, levado a níveis máximos nos Estados Unidos? E o cooperativismo, que sempre foi importante nos períodos de vacas magras?".

Para Zylbersztajn, são questionamentos que fazem parte de uma visão não tradicional. A mesma que identifica na maior segurança institucional do país um convite a novos investidores, muitos deles estrangeiros. Desde produtores de grãos de Iowa que avançam no Cerrado do oeste da Bahia a grandes multinacionais como ADM, Bunge, Cargill e Dreyfus e fundos de investimentos de peso. Há ainda mazelas, mas que começam a ser contornadas. Grãos e pastagens ainda avançam sobre a Amazônia, mas importadores sérios não os querem, porque seus consumidores exigem as árvores de pé.

"Há novos paradigmas ambientais e de consumo que exigem do agronegócio uma postura ativa"

Nos últimos dez anos, a profissionalização tornou-se o único caminho para o setor, com destaque para as transformações em segmentos como o de carnes e o de açúcar e álcool. Nas carnes, a gestão continua brasileira e, em muitos casos, familiar; empresas como a Sadia e Perdigão uniram-se na BR Foods, grupos como JBS, Marfrig e Minerva, que receberam apoio financeiro do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) adquiriram companhias em países como Argentina, Uruguai, Chile, Estados Unidos e Itália. A profissionalização ajudou o Brasil, que já era grande exportador de carne de frango, a dominar as exportações mundiais de carne bovina como o que acontece com café, açúcar e suco de laranja.

Símbolo da onda mundial que se formou em torno dos biocombustíveis a partir de 2006, a Cosan foi para a bolsa de valores pouco

antes de passar a encarar em seu meio a reviravolta proporcionada pelos investimentos de grandes multinacionais e a aposentadoria forçada de tradicionais usineiros. A própria Cosan inovou ao partir com apetite para a distribuição de combustíveis e fechar parceria com a anglo-holandesa Shell, sintoma da necessidade de grandes petroleiras, inclusive a Petrobras, de investir em combustíveis renováveis.

Se o excesso de liquidez de ates daquele quebra do banco americano Lehman Brothers tornou muitas companhias do agronegócio brasileiro vulneráveis à secura de recursos que se seguiu à crise, deflagrada em setembro de 2008, a estabilização em curso sugere que os players mantenham os pés no chão. A consolidação do agronegócio continua e é visível entre produtores e agroindústrias, e quem se descuidar poderá ser engolido pelo vizinho. O Vanguarda de Pivetta não foi, mas a pressão foi grande.

"Há um novo perfil de empresários no campo que merece ser estudado melhor, e há novos paradigmas ambientais e de consumo que exigem do agronegócio uma postura ativa, e não reativa. E as lideranças rurais têm de se preparar para isso. A nova geração tem de entender essas questões um pouco melhor", diz Zylbersztajn. O professor também vê carências na formação de mão de obra rural, considera perigosa a heterogeneidade do cooperativismo, preocupa-se com o futuro das pesquisas — que, lideradas pela estatal Embrapa, viabilizaram a conquista do Cerrado — e prega o respeito ao direito à propriedade. É uma receita que talvez proporcione uma nova década tão profícua quanto a que passou, e garanta ao país a posição de grande fornecedor global de alimentos que lhe é reservada.